

Escritas Negras Urbanas como Forma de Representação da Resistência Antirracista

Urban Black Writings as Representation of Anti-Racist Resistance

Daniella Corcioli Azevedo Rocha¹

Universidade Federal do Tocantins

Wellengton Campos de Araújo²

Universidade Federal do Tocantins

Secretaria Estadual da Educação – Estado do Tocantins

Resumo: Durante muito tempo, o racismo tem se manifestado de diversas formas em diferentes contextos na sociedade. A partir desse panorama, dentre as várias ações que compõem o movimento de resistência negra antirracista, algumas escritas urbanas negras se destacam, a saber pixo e grafite, ocupando alguns dos espaços das cidades. Nesse sentido, considerando o impacto da escrita no desenvolvimento social, buscamos verificar em que medida as escritas negras se configuram como forma de representação de resistência antirracista nos espaços urbanos. Este trabalho se apoia no viés da pesquisa documental, considerando que o uso de documentos em pesquisa “possibilita ampliar o entendimento de objetos cuja compreensão necessita de contextualização histórica e sociocultural” (Sá-Silva, J. et al. 2009, p. 2). Quanto ao aporte teórico, utilizamos como referência os autores que abordam os conceitos da escrita, Auroux (1992) e Rodríguez-Alcalá (2011), autores que conceituam as escritas urbana e as teorias de representação como Furtado (1994), Ramos (2007), Hypolito e Rocha (2013), Woodward (2008) e Rajagopalan (2002). Após as discussões e análises empreendidas, concluímos que as escritas urbanas antirracistas se tornam atos políticos que ocupam os espaços urbanos. São formas de entrar na disputa pela construção e significação do espaço que definem a história da sociedade, apresentando aspectos singulares por uma nova ótica. Enquanto representações de resistência antirracista são politicamente marcadas visando a impulsionar as ações e as pautas do movimento negro, reivindicando os espaços, os direitos e as identidades.

Palavras-chave: Escritas urbanas; Escritas antirracistas; Representação.

Abstract: For a long time, racism has manifested itself in various ways in different contexts within society. Within this panorama, among the various actions that comprise the resistance and anti-racist Black movement, some Black urban writings stand out, namely pixo and graffiti, occupying some urban spaces. Therefore, considering the impact of writing on social development, we seek to verify to what extent Black writings are configured as a form of representation of anti-racist resistance in urban spaces. This work relies on the documentary research approach, considering that the use of documents in research "makes it possible to broaden the understanding of objects whose comprehension requires historical and sociocultural contextualization" (Sá-Silva, J. et al. 2009, p. 2). Regarding the theoretical framework, we used as a reference the authors who address the concepts of writing, Auroux (1992) and Rodríguez-Alcalá (2011), authors who conceptualize urban writings and theories of representation such as Furtado (1994), Ramos (2007), Hypolito and Rocha (2013), Woodward (2008) and Rajagopalan (2002). After the discussions and analyses undertaken, we concluded that anti-racist urban

¹Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia, professora adjunta da Universidade Federal do Tocantins. Email: danicorcioli@mail.uft.edu.br.

²Mestre em Letras pela Universidade Federal do Tocantins, professor da Secretaria Estadual de Educação do Estado do Tocantins. Email: wellengton.araujo@mail.uft.edu.br.

writings become political acts that occupy urban spaces. They are ways of entering the dispute over the construction and signification of space that define the history of society, presenting unique aspects from a new perspective. As representations of anti-racist resistance, they are politically marked, aiming to promote the actions and agendas of the Black movement, claiming spaces, rights, and identities.

Keywords: Urban writings; Anti-racist writings; Representation.

Submetido em 20 de janeiro de 2026.

Aprovado em 21 de fevereiro de 2026.

Introdução

Durante muito tempo, o racismo tem se manifestado de diversas formas em diferentes contextos na sociedade. Em resposta à opressão e à discriminação sofrida ao longo dos séculos, o movimento antirracista negro tem buscado se consolidar enquanto legítimo, uma vez que, ainda hoje, os membros, ativistas e movimentos de resistência são classificados e/ou deslegitimados como ações de bandidos vitimistas que buscam ganhar privilégios perante o meio social (Rocha e Araújo 2022). Logo, fazer o enfrentamento da matriz estrutural racista desestabilizando *status quo* se torna um trabalho árduo e, por vezes, perigoso, pois em meio à luta sempre há perdas trágicas invisibilizadas ou retiradas de contexto pelos veículos de comunicações midiáticos e jornalísticos.

Atualmente, o movimento antirracista se constrói e se apresenta por meio de ações que reivindicam mudanças necessárias em meio às esferas sociais no tocante ao racismo, construindo espaços de diálogos sobre o letramento racial e promovendo políticas socioeducacionais que visam a coibir e/ou erradicar atitudes racistas. A partir desse panorama, dentre as várias ações que compõem o movimento, destaca-se nesse trabalho as escritas urbanas negras, a saber, o pixo e o grafite³ que ocupam os espaços da cidade e que, mesmo vista por uma grande parcela da população como atos de vandalismo criminoso, se faz presente no meio social, numa tentativa de se fazer visibilizar pautas, demandas e/ou palavras de ordem presentes na luta antirracista.

Diante desse contexto e considerando o impacto da escrita no desenvolvimento social, busca-se verificar em que medida as escritas negras se configuram como forma de representação da resistência antirracista, por meio dos espaços urbanos. Assim, essa

³ O termo “Pixo se refere a essa prática marginalizada típica das periferias das grandes cidades brasileiras” (Romão, 2023, p. 339). Já o termo grafite é entendido como “qualquer tipo de desenho, pintura ou inscrição de caráter transgressor feita sobre muros e paredes nas ruas” (Lima, 2018, p. 27).

pesquisa se justifica pelo interesse nas possíveis representações presentes nas escritas negras urbanas que podem possibilitar reafirmar as posições de luta contra a matriz estrutural racista. Para além de estabelecer fixação das pautas presente na luta da população negra contra o racismo nos espaços urbanos das cidades, elas também constroem possibilidades de visibilidade e resistências, uma vez que a escrita “revela, para além das aparências, as unidades essenciais da linguagem humana”, sendo uma “forma tangível daquilo que é essencial” (Desbordes 1995: 89). Ou seja, as escritas urbanas negras são possíveis representações tangíveis dos discursos do movimento antirracista.

1. Percepções sobre a escrita: alguns conceitos fundamentais.

Nessa seção, destacamos, resumidamente, a importância da escrita na sociedade, pois se trata de um instrumento de revolução social, cultural e político, uma vez que a escrita, segundo Sylvain Aurox (1992), é uma tecnologia linguística sem a qual não haveria ciência. No campo da linguagem, por exemplo, é a partir da escrita que surgem as gramáticas que moldam e organizam as estruturas das línguas. Como destaca Aurox (1992) “essa gramatização constitui - depois do advento da escrita no terceiro milênio antes da nossa era - a segunda revolução técnico-linguística. Suas consequências práticas para a organização das sociedades humanas são consideráveis” (p. 35).

Nesse sentido, a escrita está associada às mudanças sociais, principalmente no tocante ao traquejo político social, pois se trata de um instrumento de poder na construção das relações sociais. A esse respeito, Aurox (1992) *apud* Rodríguez-Alcalá (2011) destaca que “a revolução da escrita, é contemporânea e indissociável dos processos políticos e econômicos que produziram a revolução urbana” (p. 199). Por esse motivo também podemos dizer que o poder constituído por meio da escrita marginaliza grande parcela da população e gera uma sociedade estrutural e simbolicamente nova. Pois “as grandes transformações dos saberes linguísticos são, antes de tudo, fenômenos culturais que afetam o modo de existência de uma cultura do mesmo modo que dela procedem”. (Aurox, 1992, p. 29)

Assim, é que podemos afirmar que a escrita é “o resultado e a culminação da própria revolução urbana” (Rodríguez-Alcalá, 2011, p. 201), visto que se configura como tecnologias do registro, da permanência e/ou da fixação de ideais e discursos. Ou seja,

para além de instrumentalizarem a língua, consolidam também o espaço-tempo de vida na sociedade, participando da constituição das identidades dos sujeitos sociais.

Outrossim, “o florescimento do saber linguístico tem sua fonte no fato de que a escrita, fixando a linguagem, objetiva a alteridade e a coloca diante do sujeito como um problema a resolver” (Auroux, 1992, p. 23). Devemos também pensar e tomar a escrita em sua relação intrínseca com o sujeito, a linguagem e a sociedade e considerar, assim como Rodrigues-Alcalá (2011, p. 199), que essa relação “nos faz voltar a atenção para uma coincidência histórica inaugural e bem conhecida, a de que escrita e cidade nascem juntas”. Assim, em virtude de as escritas urbanas estarem atreladas aos espaços das cidades, novas realidades possíveis são construídas por meio de reivindicações grafadas através de uma estética cultural pertencente a um grupo social ainda hoje marginalizado.

Após a exposição de alguns dos conceitos fundamentais a respeito da escrita a fim de demonstrar a sua importância nas construções dos fazeres sociais neste estudo, apresentamos as significações das escritas urbanas e como elas são organizadas de forma a representar os discursos e as pautas dos movimentos sociais, em especial do movimento negro antirracista.

2. Escrita urbanas e representação: dialogando com os conceitos.

As escritas urbanas (grafite e pichação) são formas representativas de discursos e pautas de vários movimentos sociais, incluindo os dos próprios grafiteiros e pichadores. Estão presentes nos espaços urbanos das cidades como formas de reivindicação, protesto ou comunicação. Dispõem de elementos que afetam o meio social a partir das experiências urbanas, lançando novos olhares às leituras das cidades, dialogando com a legitimação dos sujeitos no contexto urbano e evidenciando as ético-estéticas práticas sociais, os desejos, a criação e as pautas que se configuram como discursos visuais. São caracterizadas por uma linguagem própria marcada em várias formas de expressão e transgressão, buscando transformar as realidades e contextos sociais.

A esse respeito Furtado (1994) define que:

o grafite e a pichação criticam a estrutura da cidade, suas territorialidades, suas regulamentações, seus espaços definidos de expressão, comunicação e diálogo, e constituem linhas de fuga e resistência dentro das propostas padronizadas, funcionais e restritivas de organização urbana (Furtado, 1994, p.1294).

O grafite e a pichação se referem a um mesmo projeto de intervenção e ocupação dos espaços urbanos, porém cada um possui suas especificidades. Para Ramos (2007), “os grafites e as pichações apresentam técnicas e políticas diferenciadas de acordo com o propósito de cada agente ou grupo em seu tempo e espaço definidos” (p 1260). Ou seja, se diferem na linguagem empregada, na estética e na forma de apropriação dos espaços urbanos.

Segundo Hypolito E Rocha (2013, p. 02):

Ao grafite associa-se uma preocupação estética na ação, interessa aqui o processo de criação, com enfoque ao produto final valorizando o resultado do trabalho e o espaço em que se está inserindo. Enquanto a pichação como conceito é um produto brasileiro designado para os escritos urbanos compostos por letras estilizadas, com poucas cores e de rápida reprodução, com enfoque ao ato (tem um tom de protesto e de reconhecimento).

As escritas de cunho político são tentativas de lembrar à sociedade e aos governantes sobre situações que precisam ser mudadas, denunciando a marginalização de sujeitos e grupos sociais, também chamando atenção para a miséria, as desigualdades, os direitos cerceados, o crime e os movimentos político-sociais. São escritas representativas, que materializam discursos fixando reivindicações legítimas e necessárias. Nesse sentido, Oliveira (2010) aponta que:

Ao produzirmos um texto oral, escrito ou gestual, fazemos uso de uma linguagem visando criar efeitos em nossos interlocutores, alterar estados de coisas da realidade ou alterar os próprios estados mentais. Trata-se de um ato intencional e político, aqui entendido como uma articulação individual dentro da dinamicidade semiótica social, que objetiva sempre alterar estados do sujeito ou do mundo (Oliveira, 2010, p. 216).

A partir desse viés, e entendendo que as escritas urbanas são ações que materializam discursos e pautas de diversos movimentos sociais, no caso em específico do movimento negro antirracista, é possível então, caracterizá-las como sistemas representativos que reivindicam demandas que urgem de mudanças no cenário social, marcando e construindo identidades dos grupos e indivíduos/sujeitos representados.

Segundo Woodward (2008, p.17), “os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar” (p.17) ou seja, em se tratando de identidade a “representação adquire suma importância, pois é através da representação que novas identidades são constantemente afirmadas e reivindicadas” (Rajagopalan, 2002, p.86).

Outrossim, “as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído” (Woodward, 2008, p. 18). Assim, é possível identificar que as escritas negras urbanas como formas de representação se posicionam contra os preceitos e preconceitos socialmente construídos por aqueles que possuíam e ainda possuem o poder e rejeitam a diferença, uma vez que “a diferença é sustentada pela exclusão” (Woodward, 2008, p. 4), a partir de uma visão essencialista historicamente marcada, apresentada ou representada como uma verdade imutável.

Logo, “a produção de significados e a produção das identidades que são posicionadas nos (e pelos) sistemas de representação estão estreitamente vinculadas” (Woodward, 2008, p. 18), pois, a representação atua simbolicamente para classificar o mundo e nossas relações no seu interior (Hall, 1997a). Em outras palavras, as representações tanto das identidades reivindicadas quanto das identidades que rejeitam ou excluem a diferença estão ligadas pelas produções dos significados nos sistemas simbólicos. Tendo considerado, ainda que brevemente, os estudos que embasam nosso trabalho, passemos aos aportes metodológicos que nos ajudaram durante o processo de pesquisa e organização para a escrita do artigo.

3. Caminhos metodológicos:

Este trabalho foi desenvolvido utilizando o viés da pesquisa documental, considerando que o uso de documentos em pesquisa “possibilita ampliar o entendimento de objetos cuja compreensão necessita de contextualização histórica e sociocultural” (Sá-Silva, J. et al. 2009, p. 2), compreendendo que “o documento como fonte de pesquisa pode ser escrito e não escrito, tais como filmes, vídeos, slides, fotografias ou pôsteres” (Sá-Silva, J. et al. 2009, p. 5). Além de que, segundo Sá-Silva, J. et al. (2009) as pesquisas documentais recorrem “a materiais que ainda não receberam tratamento analítico, ou seja, as fontes primárias” (p. 6). Assim, percorremos os caminhos da pesquisa documental realizando o levantamento dos dados necessários para o desenvolvimento dos objetivos propostos nesse trabalho.

Sobre a coleta dos dados, ela foi realizada a partir de fotografias dos espaços públicos da Universidade Federal do Tocantins (doravante UFT), campus de Porto Nacional. Os espaços selecionados para fazer as fotografias foram os que contém escritas de urbanas como, pixo e grafite, levando em consideração que, em meio a essas escritas,

estivessem presentes os discursos e pautas do movimento negro antirracista. Vale destacar ainda, que as escritas analisadas foram produzidas pela militância estudantil em uma ação de personalização do campus e de marcação das lutas enfrentadas pelos (as) estudantes.

Quanto ao tratamento dos dados utilizou-se de uma abordagem qualitativa compreendendo o “poder interpretativo, o emprego de métodos flexíveis e sensíveis ao contexto, e o tratamento dos fenômenos, ao mesmo tempo, em sua complexidade e detalhe” (Mason, 1997 *apud* Suassuna, 2008, p. 352). Seguindo essa abordagem buscamos compreender as escritas analisadas na pesquisa por meio da visão interpretativa flexível e sensível, considerando os contextos e os fenômenos empregados aos dados coletados. Isso porque concordamos com Rosenthal (2014) quando cita Hitzler; Honer (1997), que afirmam que “o objetivo do procedimento interpretativo consiste justamente em – metodicamente monitorado e de forma clara – partir da superfície do texto até seus estratos de sentido e de significado mais profundos e, em princípio, ocultos” (p. 23). Rosenthal (2014) ainda nos diz que “métodos interpretativos possibilitam lançar outro olhar sobre esses fenômenos, reconstruir as correlações e os sentidos latentes de casos concretos particulares” (p. 26).

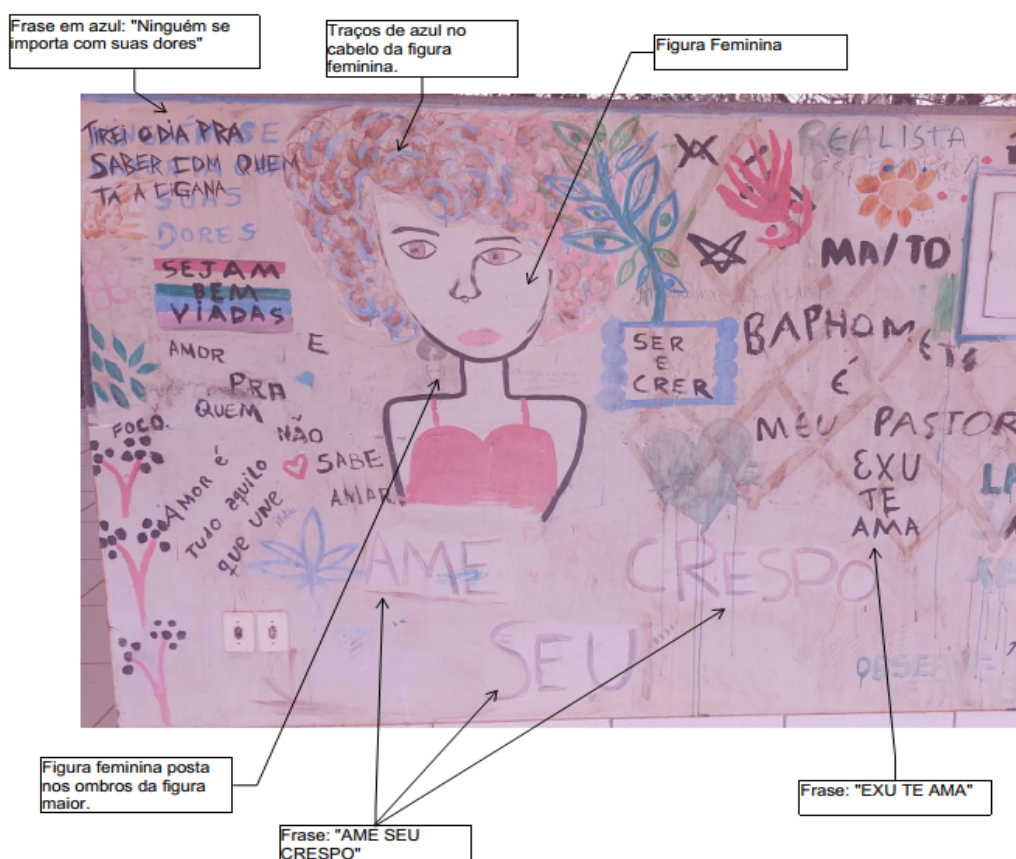
Seguindo essa linha, Rosenthal (2014) complementa com Hermanns (1992) que assevera que os “estudos qualitativos, conforme suas exigências, são representativos do espectro de conceitos teóricos empiricamente fundados, em que dados de origem empírica são, por sua vez, adequadamente representados” (Hermanns, 1992, p. 116). Nesse sentido, vale destacar, que as escritas urbanas presentes nessa pesquisa não foram analisadas ou problematizadas considerando as estruturas gramaticais. Ao contrário, buscamos desenvolver, a partir do viés interpretativo, as possíveis representações, observando a associabilidade com as pautas do movimento negro antirracista. Por fim, tendo tratado das considerações teóricas e metodológicas, passamos, a seguir, à análise dos dados deste estudo.

4. Percepções e representatividades: vozes negras e escritas urbanas de resistência.

Em tempos de lutas, como esse em que vivemos, fica mais evidente ainda que o movimento negro tem se constituído de diversas práticas de resistência e se feito cada vez mais presente nos espaços urbanos, registrando suas reivindicações e pautas. Essa presença reivindicatória e demarcadora de demandas cada vez mais urgentes se consolida visualmente de diferentes formas e com objetivos diversos, a contar pela minuciosidade

crítica e pela riqueza de detalhes utilizados em expressões artísticas aparentemente despretensiosas. Iniciamos nossa análise com uma imagem contendo representações desenhadas e coloridas ricamente, em meio a escritos, muitas vezes sobrepostos, que nos remetem a dores, a alertas, a denúncias e a vários discursos que marcam movimentos de consciência e de resistência em relação à situações corriqueiras de violência física e emocional, opressão, invisibilização e silenciamentos cotidianos sofridos pela população negra. Esta imagem encontra-se presente em um dos espaços urbanos do campus universitário da UFT. É importante destacar que, para fins de melhor visualização das escritas, destacamos as mesmas em balões.

Figura 1: Convergências em paredes pretas.⁴



Fonte: Arquivo dos autores a partir de fotografia obtida no Campus de Porto Nacional – UFT.

⁴ para melhor visualização da imagem acessar endereço: <https://drive.google.com/file/d/1ACkesRbue-nS4M3oyM0oNINtRajYXpEl/view?usp=sharing>

Seguindo a ordem de destaque das escritas destacadas na imagem, acima, chamamos a atenção a frase “Ninguém se importa com suas dores” que não é tão nítida em primeiro plano, pois foi sobreposta por outra, mas ainda, assim, é possível verificar sua importância tendo em vista que revela um estado de solidão vivenciado muitas vezes pela população negra e que muitas vezes é vista como vitimismo. Referente à cor, é possível uma associação aos traços de azul no cabelo da figura feminina que possui a mesma composição. Assim, entende-se que essa associação faz alusão representativa da solidão, das dores e a invisibilidade da mulher negra na sociedade. Pois mesmo que se perceba maior representatividade nos tempos atuais esse é um campo que precisa de muita atenção principalmente no tocante à saúde mental. A esse respeito Gregório (2017) afirma que:

Estudos apontam o alto índice de preterimento da mulher negra frente a mulher branca pelos homens negros, no âmbito afetivo-sexual/conjugal, o que acarreta o sentimento de solidão e humilhação às mulheres negras. Porém, a solidão da mulher negra antecede sua vida adulta e extrapola suas relações amorosas. A Solidão da Mulher Negra, vem desde a infância – em uma família desestruturada pelo machismo validado por uma sociedade patriarcal e o racismo validado por um Estado genocida –, perpassa a fase escolar – com o isolamento para evitar humilhações racistas por parte de colegas e professores –, atinge a adolescência – na construção solitária de uma identidade “aceitável” – e alcança a vida adulta – nas relações amorosas, na vida profissional, nos serviços de atenção à saúde, na criação dos filhos que o Estado não matou não prendeu (Gregório, 2017, p. 5).

Nesse sentido, segundo Mizael, Barrozo e Hunziker (2021) “esse fenômeno tem sido considerado uma das consequências de uma sociedade racista e machista, ou seja, da intersecção entre marcadores sociais de gênero e raça” (p. 317). Essa correlação é possível de ser percebida também na expressão facial de descontentamento da figura feminina, mesmo que também represente uma figura de empoderamento e representatividade quando associada à escrita “ame seu crespo”. No caso em questão, o “ame seu crespo” não veio acompanhado de um sorriso ou mesmo de uma expressão de satisfação, mas de olhos desconfiados em uma face de alguém que não se preocupa em disfarçar o ceticismo de quem parece saber bem a realidade que circunda cabelos crespos.

Assim, quando tratamos da relação da figura feminina representada e a escrita “ame seu crespo”, ainda que o mencionado faça referência a um movimento de empoderamento, precisamos salientar que esse movimento de empoderamento não é expresso naturalmente ou livremente, mas carrega pesos e histórias de superação muitas vezes dolorosas e difíceis de superar, visto que as características corporais negras por muito tempo receberam, e ainda recebem, tratamento discriminatório e ofensivo. Segundo Gomes (2003), “o cabelo crespo é um dos argumentos usados para retirar das pessoas

negras o lugar da beleza” (p. 80). A autora ainda ressalta que, “no processo histórico e cultural brasileiro, o negro, sobretudo as mulheres negras, constrói sua corporeidade por meio de um aprendizado que incorpora um movimento tenso de rejeição/aceitação, negação/afirmação do corpo” (p. 81), contudo, recentemente o cabelo crespo assume lugar de símbolo da resistência e empoderamento para a população negra. Sobre isso, Gomes (2008) nos diz que

o cabelo crespo e o corpo negro podem ser considerados expressões e suportes simbólicos da identidade negra no Brasil. Juntos, eles possibilitam a construção social, cultural, política e ideológica de uma expressão criada no seio da comunidade negra: a beleza negra. Por isso não podem ser considerados simplesmente como dados biológicos (Gomes, 2008, p. 54).

Assim, a figura encrespada junto à frase representa uma forma de resistência e resgate dos traços corpóreos da população negra, principalmente em relação às mulheres negras. Porém, contrário a esse movimento de novas significações, ou seja, da reconstrução da imagem com uma nova estética a partir do empoderamento das características dos corpos negros, há também a diminuição, desvalorização, fetichização e/ou hipersexualização dos corpos negros. Visto que, o corpo negro, “funciona como marca dos valores sociais, nele a sociedade fixa seus sentidos e valores” (Nogueira, 1998, p. 45).

Dito isso, voltando à primeira imagem analisada, gostaríamos de chamar a atenção para a figura feminina diminuída posta no ombro da figura maior, representando o “peso nos ombros” das mulheres negras. Tal figura nos remete a uma referência aos afetos dos estereótipos envoltos às características físicas de seus corpos. Quanto às dimensões de tamanho, a figura faz possível referência à diminuição do valor desses corpos, primeiro pela sua cor e segundo por seus traços de “mulata” hipersexualizados e/ou fetichizados, por meio dos preceitos racistas e sexistas. Segundo Mizael, Barrozo e Hunziker (2021) “essas concepções reverberam até hoje na sociedade, e isso pode ser visto em comentários do tipo “branca para casar, mulata para transar, e preta para trabalhar”” (p. 216). Segundo Fernandes (2018) *apud* Mizael, Barrozo e Hunziker (2021, p. 224) “desse caminho, desembocam outros dois: a dinâmica sexo-relação casual-lugar de amante (ou mulata) e, no extremo oposto, a negação de relações sexuais para escapar do estereótipo de mulata, seguida pela experiência da solidão”. Assim, além de revelar o preconceito para com os corpos negros, cria-se também uma atmosfera de solidão.

Nesse contexto, a figura, para além de representar as dores e afetos em destaque supracitado, representa também a busca por validação e respeito desses corpos no campo afetivo, “isto significa que o corpo está investido de crenças e sentimentos que estão na origem da vida social, mas que, ao mesmo tempo, não estão submetidas ao corpo” (Nogueira, 1998, p. 45). Ou seja, mesmo atravessados pelos preconceitos e estereótipos discriminatórios e excludentes, esses corpos não se definem por meio disso, pois o estereótipo é “prática de representação que funciona como essencialização, reducionismo e oposições binárias sempre relacionado à hegemonia, poder e conhecimentos e produz efeitos (significados, representações) inconsistentes que geram fantasia e fetichismo” (Carlos Matos, 2021, p. 147). Logo, essas escritas são representações desse contexto, em uma escala macro e micro, elas revelam dores e enfrentamentos e se posicionam como resistência às discriminações e atitudes racistas.

Dando seguimento às análises, destaca-se em seguida o escrito “exu te ama”, que faz menção às religiões de matriz africanas, desconstruindo os estereótipos de que essas religiões são formas de praticar o mal, por meio de rituais de maldade. A utilização do verbo “amar” possibilita mostrar que esses espaços constituem trocas de afetos e sentimentos, senso de humanidade, valoração, cuidado e empatia com o próximo.

As religiões de matriz africanas, presentes no Brasil são o candomblé e a umbanda. Segundo Maurício (2014):

candomblé é uma religião que foi criada no Brasil por meio da herança cultural, religiosa e filosófica trazida pelos africanos escravos, sendo aqui reformulada para poder se adequar e se adaptar as novas condições de ambientais. É a religião que tem como função primordial o culto às divindades – inquices, orixás ou voduns –, seres que são a força da natureza, sendo seus criadores e também administradores. Religião possuidora de muitos simbolismos e representações que ajudam a compreender o passado e também a discernir melhor as verdades e as mentiras, permitindo assim definir conceitos. No candomblé nada se inventa ou se cria, só aprende e se aprimora. Este saber e este conhecimento são conquistados com a prática no dia a dia, com o tempo, com a humildade, o merecimento, a inteligência e, principalmente, com a vontade de aprender! (Maurício, 2014, p. 29).

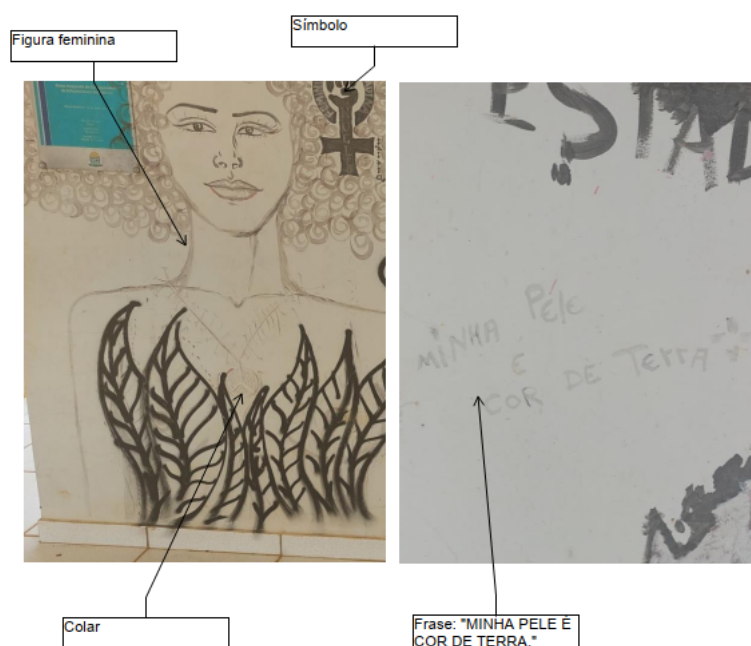
A respeito da Umbanda, Oxossi (2014) afirma que:

A Umbanda nasce, portanto, com a missão de não segregar, de não separar. Nasce para agregar, para unir. Sendo assim, conforme se constituía uma religião genuinamente brasileira, a Umbanda foi absorvendo práticas e conceitos de outras religiões: Dos cultos de nação africana agregou as Divindades, chamadas Orixás, e a sua relação com as energias da natureza. Da cultura indígena herdou o amor à natureza e o uso de ervas de poder, com o Cristianismo católico promove um vasto sincretismo entre as suas divindades, originárias da cultura africana e aos santos católicos, tal como já era feito no Brasil pelos diferentes cultos afros. Do Espiritismo codificado

por Kardec, agregou manifestações dos espíritos e o trabalho mediúnico (Oxóssi, 2014).

Para Rivas Neto (2013, p. 101) a Umbanda “é uma forma espiritualizada e inteligente de bem viver. A Umbanda é uma unidade aberta em constante reelaboração”. Contudo, apesar dessas definições o racismo religioso⁵ ainda é muito presente na sociedade. Logo, essa escrita representa as reivindicações e resistência das religiões de matriz africana frente às discriminações sofridas. Levando em consideração que, “não podemos deixar de lado o importante papel das religiões afro na formação da nossa sociedade e na política identitária de segmentos desta sociedade” (Duccine; Rabelo, 2013, p. 219). Antes de prosseguir para próxima imagem, diante do exposto sobre as imagens e escritas analisadas, reafirmamos o poder das marcas representativas, reivindicando a legitimidade das pautas do movimento negro antirracista. Seguimos com a figura 2:

Figura 2: Paredes pretas e atos vozes.⁶



Fonte: Arquivo dos autores a partir de fotografia obtida no Campus de Porto Nacional – UFT.

⁵ A noção de racismo religioso marca e engloba grande parte das violências sofridas por determinadas culturas e comunidades que são encarrilhadas por uma engenharia de dominação/subordinação que tem a raça/racismo/ colonialismo como matrizes/motrizes de desenvolvimento do mundo moderno. Nessa perspectiva, racismo religioso é uma expressão que abre caminho e conquista espaços relevantes na luta antirracista (Rufino; Miranda, 2019, p. 230- 231).

⁶ Para melhor visualização da imagem acessar endereço: <https://drive.google.com/file/d/1UwBqdcNg-ZKOH5BB3v3VweCekBEiwy43/view?usp=sharing>

Na imagem apresentada, assim como na figura anterior, é possível identificar a representação do movimento encrespa, ressignificando a beleza dos cabelos crespos, marcadores da identidade negra. Contudo, como já mencionado anteriormente, agora o foco se estende aos outros elementos que se destacam na imagem, como por exemplo, o colar envolto ao seu pescoço da figura feminina que se configura como forma representativa da ancestralidade negra.

Esse elemento, quando observado mais de perto, permite a visualização da imagem de uma árvore que pode ser entendida como representação de uma árvore genealógica, além do fato de que sua formação faz referência a colares utilizados no continente africano, que por vez constitui aspectos formadores da identidade negra, no mundo.

Segundo Nogueira, Andrade e Vásquez (2017),

A ancestralidade é um traço comum que se pode estabelecer com a maior parte das diversas culturas existentes em África. Os ancestrais, além disso, parecem estabelecer a ligação entre estes homens e mulheres do mundo contemporâneo com a África mítica, quase em uma ligação simbólica com o útero da mãe (Nogueira, Andrade e Vásquez, 2017, p. 174).

Assim, a ancestralidade para os povos negros vai além de simplesmente saber a origem de seus antepassados, é descobrir e/ou redescobrir as marcas das identidades que foram demudadas durante os processos históricos, onde se construiu uma visão deturpada/estereotipada das identidades negras. Assim, a ancestralidade tem se tornado signo da resistência.

Quanto ao símbolo do movimento feminista atrelado a imagem do cabelo é possível e provável que ele represente o movimento feminista negro que revela as especificidades das mulheres negras que são atravessadas pelo machismo e o racismo. Carneiro (2013, p.3) aponta que “a luta das mulheres negras contra a opressão de gênero e de raça vem desenhando novos contornos para a ação política feminista e antirracista, enriquecendo tanto a discussão da questão racial, como a questão de gênero na sociedade brasileira”. Ou seja, o feminismo negro coloca em evidência o diálogo interseccional entre raça, classe e gênero, construindo novas representações das identidades das mulheres negras. Vale destacar, ainda, que esse movimento tem grande relevância na luta antirracista.

Concluindo nossas análises, gostaríamos de destacar a escrita “minha pele tem cor de terra” que faz referência aos quilombos e/ou comunidade quilombolas. A existência

dessas comunidades está vinculada à garantia de terras e/ou territórios como locais de sobrevivência e resistência, durante e pós escravidão. Nesse sentido, Silva e Sousa (2021) asseveram que:

Terra e território possuem outros sentidos e usos. Envolvem plantio, produção, vivências e expressões das manifestações culturais, celebrações, construções de espaços sagrados e de vínculo com as memórias ancestrais. As relações e os modos de vida associam-se a outras características de natureza cultural e simbólica, e a aspectos político-organizativos, como as lutas por reconhecimento e direitos (Silva e Souza, 2021, p. 86).

Nesse sentido, para além de simples pedaços de terra, os quilombos representam a luta e a resistência dos negros durante e a pós o período da escravidão. São espaços de acolhimento e das manifestações das identidades e da cultura negra. No que diz respeito à cultura que se constrói nessas comunidades Furtado, Sucupira e Alves (2014) destacam que:

A cultura quilombola, por ser um espaço de trocas e compartilhamento de conteúdo simbólico-afetivos, e por se dar em relação a um contexto social, cultural e político específico, enfatiza as particularidades dos sujeitos que a constituem. É uma instância que preserva elementos culturais carregados de um passado histórico e social e que propicia um posicionamento subjetivo do sujeito ao reconhecer-se nesse passado (p. 114).

Dessa forma, a escrita urbana “minha pele é cor de terra” consolida as terras quilombolas marcando lutas, resistência e reivindicações de direitos, mesmo que atravessadas pelas violências, o preconceito e a discriminação racial.

Por fim, é salutar afirmar que as escritas urbanas negras analisadas, além de serem diálogos diretos aos olhos de quem passa por elas, representam a importância da luta antirracista, pois a “representação significa utilizar a linguagem para, inteligivelmente, expressar algo sobre o mundo ou representá-lo a outras pessoas” (Hall, 2016, p. 31). Assim, a partir desses diálogos, as escritas urbanas negras antirracistas assumem significâncias e sentidos diante da perspectiva sociopolítica-cultural posicionando os ideais, as lutas e as discriminações sofridas e enfrentadas por um povo historicamente marginalizado.

Considerações finais

À guisa de concluir, mesmo que momentaneamente, as discussões a que nos propomos, é importante pontuar que os escritos relacionados ao surgimento e à importância da escrita em nossa sociedade de Aurox (1992) e de Rodríguez-Alcalá (2011) e, ousamos expandi-los à questão da própria relação entre linguagem, sujeito e sociedade, foram de fundamental importância para entendermos o papel dessa tecnologia na luta por direitos e visibilidade e nas reivindicações públicas presentes nas escritas negras de movimentos antirracistas. As teorias relacionadas aos estudos de representação e identidade, como os estudos de Furtado (1994), de Ramos (2007), de Hypolito e Rocha (2013), de Woodward (2008) e de Rajagopalan (2002) por sua vez, nos auxiliaram em relação a um entendimento maior do papel eminentemente político da representação e sobre como ela está intrinsecamente envolta em relações de poder. Nesse sentido, quem tem poder representa ou diz sobre o outro que não tem o poder de se representar. Na luta entre seguimentos sociais, ainda hoje vivenciamos uma realidade em que apenas uma parcela pequena da população, a parte hegemônica, tem o poder de representar, sob seu ponto de vista, os demais seguimentos sociais. As escritas negras, imersas nesse contexto desigual de poder, constituem formas de reação à essas representações exógenas, constituindo resistências e lutas pelo direito de visibilidade e de representar movimentos e populações negras pelo próprio movimento negro antirracista. Nesse sentido, após as discussões e análises empreendidas ao longo deste breve estudo, concluímos que as escritas urbanas antirracistas se tornam atos políticos que ocupam os espaços urbanos para representar lutas e movimentos antirracistas muitas vezes invisibilizados e silenciados em muitos outros espaços em nossa sociedade. Essas escritas são formas de entrar na disputa pela construção e significação dos espaços que definem a história da sociedade, apresentando aspectos singulares por uma nova ótica. Enquanto representações de resistência antirracista são politicamente marcadas visando a impulsionar as ações e as pautas do movimento negro, reivindicando os espaços, os direitos e as identidades.

Vale destacar ainda, que as escritas antirracistas se tornam atos políticos que ocupam os espaços urbanos. São politicamente marcadas visando impulsionar as ações e as pautas do movimento de resistência antirracista, considerando que a escrita é a ferramenta linguística que mudou o curso da evolução da sociedade. Nesse sentido, entendemos que as escritas negras urbanas se configuram como recurso de resistência uma vez que, para além de simplesmente registrarem demandas e pautas, também

transmitem o que precisa ser dito elevando vozes outras antes marginalizadas e silenciadas.

Referências

AUROUX, S. **A revolução tecnológica da gramatização**. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, SP: Editora da Unicamp. 1992.

CARLOS MATOS, H. Estereótipos: análise da campanha “ame seus cachos” – dove. **Revista de Estudos Interdisciplinares** [S. l.], v. 3, n. 1, 2021.

CARNEIRO, S. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**, v. 17, n. 49, p. 117-133, 2003.

DE OLIVEIRA, M. de J.; DE CAMARGO SAMPAIO, J. C.; SILVA, O. A. *Entre e para além da literatura: um estudo da noção ‘escrivivência’, de Conceição Evaristo*. **Nau Literária** [S. l.], v. 17, n. 2, p. 166–194, 2021. DOI: 10.22456/1981-4526.110421.

DESBORDES, F. **Concepções sobre a escrita na Roma antiga**. São Paulo, Ática, 1995.

DUCCINI, L; RABELO, M C.M. As religiões afro-brasileiras no Censo de 2010. (Orgs). TEIXEIRA, F.; MENEZES, R. In: **Religiões em Movimento: o censo de 2010**. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 219-234.

FURTADO, J.; ZANELLA, A. V. Graffiti e cidade: sentidos da intervenção urbana e o processo de constituição dos sujeitos. **Revista Mal-estar e Subjetividade** – Fortaleza – Vol. IX – Nº 4 – p. 1279-1302 – dez/2009.

FURTADO, M B.; SUCUPIRA, R. L.; & ALVES, C. B. **Cultura, identidade e subjetividade quilombola: uma leitura a partir da psicologia cultura**. *Psicologia & Sociedade*. 2014, 106-115.

GOMES, N. L. Cultura negra e educação. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, p. 75–85, maio 2003.

_____. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolo da identidade negra**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GREGÓRIO, J. F. F. A solidão da mulher negra encarcerada. In: **SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA EM PRISÃO. III**, Recife. Anais. Recife. 2017. p. 1-15.

HALL, S. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio Apicuri, 2016.

HYPOLITO, B. B.; ROCHA, E. **Escritas Urbanas - vozes silenciadas**. 2013. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/modosdelerescrever/files/2018/09/BARBARADEBARBARAHYPOLITO.pdf>. Acesso em novembro de 2025.

MAURÍCIO, G. **O candomblé bem explicado: Nações Bantu, Iorubá e Fon**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

MIZAEL, T. M.; BARROZO, S. C. V.; HUNZIKER, M. H. L. Solidão da mulher negra: uma revisão da literatura. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S. l.], v. 13, n. 38, p. 212–239, 2021.

NOGUEIRA, I. B. **Significações do corpo negro**. Tese de doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1998.

NOGUEIRA, N.; ANDRADE, R. G. N.; VÁSQUEZ, G. E. Ancestralidade Africana da Cultura e da Identidade do Samba. **Revista Subjetividades**, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 166–180, 2017.

OLIVEIRA, J. A. A Pragmática em Sala de Aula. In: FREITAS, A. C. (Org.). **Linguística in focus: Linguagem e Exclusão**, v. 7. Uberlândia: EDUFU, 2010, p. 215-235.

OXÓSSI, F. de. **Umbanda Sem Medo e Sem Preconceito**. São Paulo: Madras, 2014.

RIVAS NETO, F. **Escolas das religiões afrobrasileiras: tradição oral e diversidade**. São Paulo: Arché, 2013.

RODRÍGUEZ-ALCALÁ, C. Escrita e gramática como tecnologias urbanas: a cidade na história das línguas e das idéias linguísticas. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 53, v. 2. p. 197-217, 2011.

ROSENTHAL, G. **Pesquisa social interpretativa: uma introdução**. Brasil, ediPUCRS, 2014.

RUFINO, L.; MIRANDA, M. S. de. Racismo Religioso: Política, Terrorismo e Trauma Colonial. Outras Leituras sobre o problema. **Problemata**, v. 10, n. 2, 2019, p. 229-242.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D. de; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, [S. l.], v. 1, n. 1, 2009.

SUASSUNA, L. Pesquisa qualitativa em educação e linguagem: histórico e validação do paradigma indiciário. **Perspectivas**, [S. l.], v. 26, n. 1, p. 341–377, 2009.